

Fernanda Franchini

Doutora e mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1335653581529882>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6157-6706>

E-mail: educafernanda9@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa *João Felizardo: o rei dos negócios*, de Angela Lago, buscando compreender como a articulação entre palavra, imagem e materialidade do livro ilustrado favorece a aprendizagem da observação na formação de leitores na Educação Infantil. Desenvolve uma abordagem teórico-interpretativa centrada na análise da obra, considerando as relações entre literatura, imaginação e observação. A análise evidencia que a releitura de um conto da tradição oral transforma a leitura em uma experiência estética que mobiliza a atenção, a construção compartilhada de sentidos e a participação ativa das crianças diante das imagens. O livro ilustrado constitui um espaço privilegiado de aprendizagem da observação, ampliando as experiências de leitura e oferecendo subsídios para práticas de mediação voltadas à formação de leitores na Educação Infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro ilustrado. Observação. Formação de leitores. Educação Infantil.

Abstract: This article examines *João Felizardo: o rei dos negócios*, by Angela Lago, investigating how the interplay between words, images, and the materiality of the picturebook fosters the learning of observation in the development of young readers in Early Childhood Education. The study adopts a theoretical-interpretative approach centered on the analysis of the work, considering the relationships between children's literature, imagination, and observation. The analysis shows that this reinterpretation of a traditional folktale transforms reading into an aesthetic experience that engages attention, shared meaning-making, and children's active participation in exploring images. The picturebook constitutes a privileged space for learning observation, enriching reading experiences and providing support for reading mediation practices aimed at developing young readers in Early Childhood Education.

Keywords: Children's literature. Picturebook. Observation. Reader development. Early Childhood Education.

Introdução

A literatura ocupa um lugar fundamental na Educação Infantil por possibilitar o encontro das crianças com a linguagem, a imaginação e a cultura escrita desde os primeiros anos de vida. Muito antes da aprendizagem convencional da leitura e da escrita, a relação com os livros já mobiliza interpretações, formulação de hipóteses, exploração das imagens, antecipação de acontecimentos e atribuição de sentidos às narrativas. Nessa perspectiva, a leitura literária constitui uma experiência cultural que ultrapassa o contato com o texto verbal, envolvendo diferentes formas de perceber, imaginar e compreender o mundo.

No contexto da Educação Infantil, essa compreensão tem contribuído para ampliar o entendimento da literatura como eixo estruturante das práticas pedagógicas, não apenas por favorecer a aproximação das crianças com a cultura escrita, mas também por reconhecer a leitura como uma experiência estética, sensível e compartilhada. Nesse processo, o papel docente torna-se decisivo. Mais do que conduzir a interpretação de uma história, a ação pedagógica consiste em criar condições para que as crianças observem, formulem perguntas, expressem interpretações, retornem às imagens e descubram aspectos da narrativa que não se revelam imediatamente.

A leitura e a escrita constituem direitos culturais das crianças e começam a ser vivenciadas muito antes da alfabetização convencional. A aproximação com livros, narrativas, imagens e práticas de leitura compartilhada integra processos de inserção na cultura escrita que respeitam as especificidades da infância e reconhecem a literatura como uma experiência de imaginação, participação cultural e produção de sentidos. Nessa perspectiva, formar leitores implica criar condições para que as crianças estabeleçam vínculos significativos com a linguagem escrita por meio de práticas pedagógicas que valorizem a observação, a curiosidade e a participação ativa nas situações de leitura.

Entre as diferentes possibilidades oferecidas pela literatura infantil contemporânea, o livro ilustrado destaca-se por articular palavra, imagem, projeto gráfico e materialidade em uma mesma experiência de leitura. Nessa configuração, as ilustrações deixam de exercer uma função meramente explicativa para participar da construção da narrativa, ampliando seus sentidos e exigindo do leitor um percurso atento entre palavra, imagem e materialidade da obra. Ler um livro ilustrado exige tempo, curiosidade e disponibilidade para observar.

É nesse contexto que a observação¹ assume relevância na formação de leitores. Observar não corresponde apenas ao ato de olhar atentamente uma imagem, mas à capacidade de permanecer diante dela, reconhecer detalhes, estabelecer relações, formular hipóteses e construir interpretações progressivamente. A aprendizagem da observação amplia as possibilidades da experiência literária ao transformar o olhar em parte constitutiva da produção de sentidos.

Sob essa perspectiva, a formação de leitores não se reduz ao desenvolvimento de competências linguísticas, mas envolve experiências culturais que ampliam a sensibilidade, a imaginação e a capacidade de interpretar o mundo. Rodari (1982) compreende a imaginação como uma prática criadora construída a partir da experiência, enquanto Lacerda (2015) entende a literatura como patrimônio cultural continuamente renovado pelos encontros entre leitores e obras. Ler literatura significa participar dessa experiência estética, na qual imaginação, observação e produção de sentidos se constituem de forma indissociável.

Entre as obras que favorecem esse tipo de experiência destaca-se *João Felizardo: o rei dos negócios* (LAGO, 2025), releitura de um conto da tradição oral recolhido pelos irmãos Grimm. Ao articular texto verbal e narrativa visual, Angela Lago desloca parte significativa da construção de sentidos para as imagens, organizando uma experiência de leitura que desacelera o olhar e favorece percursos próprios de observação.

Partindo dessa compreensão, este artigo analisa *João Felizardo: o rei dos negócios*, buscando compreender como a articulação entre palavra, imagem e materialidade do livro ilustrado produz experiências de aprendizagem da observação que contribuem para a formação de leitores na Educação Infantil. Desenvolve-se uma pesquisa qualitativa, de caráter teórico-interpretativo, fundamentada nas contribuições de Gianni Rodari (1982), Nilma Gonçalves Lacerda (2015) e Shari

¹ Disponibilidade de dados: Todos os dados que fundamentam esta pesquisa encontram-se integralmente apresentados no próprio artigo. Não há conjunto de dados adicional a ser disponibilizado.

Tishman (2024). Argumenta-se que o livro ilustrado pode constituir um espaço privilegiado de formação de leitores ao transformar a observação em parte constitutiva da experiência de leitura.

Metodologia

Este artigo caracteriza-se por uma abordagem de natureza teórico-interpretativa, desenvolvida a partir da análise de uma obra de literatura infantil ilustrada. O estudo toma como objeto *João Felizardo: o rei dos negócios* (LAGO, 2025), considerando o livro ilustrado como uma unidade narrativa em que texto verbal, imagem, projeto gráfico e materialidade participam conjuntamente da produção de sentidos. A análise foi realizada a partir da edição comemorativa publicada pela Baião Livros em 2025.

Adota-se a compreensão de que, no livro ilustrado, palavra e imagem estabelecem uma relação de interdependência narrativa, produzindo significados que não podem ser reduzidos a uma única linguagem. A análise fundamenta-se, portanto, na leitura integrada desses diferentes elementos, buscando compreender como a organização visual da obra participa da construção da experiência leitora e da aprendizagem da observação.

O procedimento metodológico consistiu em sucessivas leituras da obra, alternando momentos de observação da composição visual, leitura da narrativa verbal e retorno às imagens, de modo a identificar relações entre os diferentes elementos que estruturam a narrativa. A interpretação privilegiou aspectos como a organização das paisagens, a distribuição dos personagens na composição, a construção dos percursos visuais, as relações entre palavra e imagem e o papel do horizonte e do vazio na experiência de leitura.

A discussão foi orientada pelas contribuições de Gianni Rodari (1982), que compreende a imaginação como prática criadora; de Nilma Gonçalves Lacerda (2015), que discute a literatura como patrimônio cultural e experiência de formação; e de Shari Tishman (2024), cuja reflexão sobre a aprendizagem da observação oferece fundamentos para compreender como disposições, estratégias e instrumentos podem ampliar a experiência leitora e subsidiar a mediação da leitura na Educação Infantil.

A análise concentra-se em três momentos da narrativa, representados pelas figuras reproduzidas neste artigo. Essas imagens foram selecionadas por evidenciarem diferentes modos de organização da observação ao longo da obra: a exploração inicial da paisagem, a multiplicidade de acontecimentos distribuídos pela composição e a experiência de contemplação construída nas cenas finais. Em cada um desses momentos, procura-se relacionar a análise estética da obra às possibilidades de mediação da leitura, evidenciando como determinados modos de observar podem ser cultivados na formação de leitores.

Ao privilegiar a análise de uma única obra literária, este estudo procura evidenciar como a leitura de livros ilustrados pode contribuir para a formação docente, oferecendo subsídios para a mediação da leitura e ampliando o repertório de práticas voltadas à formação de leitores na Educação Infantil.

Literatura, imaginação e observação na formação de leitores

A formação de leitores na Educação Infantil pressupõe compreender a literatura como uma experiência que ultrapassa a aprendizagem do sistema de escrita. Antes mesmo da alfabetização convencional, crianças constroem relações com os livros por meio da escuta, das imagens, da oralidade e das interações compartilhadas. Nesses encontros, formulam hipóteses, antecipam acontecimentos, produzem interpretações e atribuem sentidos às narrativas, evidenciando sua participação ativa na construção da cultura escrita.

Nessa perspectiva, o livro ilustrado ocupa um lugar privilegiado. Sua narrativa constitui-se na articulação entre palavra, imagem, projeto gráfico e materialidade, exigindo do leitor um movimento contínuo entre diferentes linguagens. As imagens não apenas acompanham o texto verbal; elas ampliam, tensionam e, muitas vezes, produzem sentidos que somente se tornam perceptíveis por meio da observação. Ler um livro ilustrado significa construir relações entre aquilo

que é dito e aquilo que permanece sugerido pela composição visual.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Nilma Gonçalves Lacerda (2015), para quem a literatura constitui um patrimônio cultural continuamente recriado pelos encontros entre leitores e obras. A permanência dos contos da tradição oral ilustra esse movimento. Narrativas transmitidas ao longo do tempo permanecem vivas porque são reinterpretadas e recriadas em diferentes contextos históricos e culturais. Cada nova versão preserva elementos da tradição ao mesmo tempo que inaugura novas formas de narrar, imaginar e ler.

É nesse horizonte que se insere *João Felizardo: o rei dos negócios* (LAGO, 2025). Como releitura de um conto recolhido pelos irmãos Grimm, a obra reinscreve uma narrativa tradicional em um livro ilustrado contemporâneo. Ao preservar a estrutura fundamental do conto e reinventá-la por meio da articulação entre texto verbal, imagem e projeto gráfico, Angela Lago demonstra que a permanência da literatura depende justamente de sua capacidade de produzir novas experiências de leitura.

Nesse processo, a imaginação ocupa um lugar central. Para Rodari (1982), imaginar não significa afastar-se da realidade, mas reorganizar criativamente a experiência, estabelecendo novas relações entre aquilo que foi vivido e aquilo que pode ser concebido. A literatura amplia essas possibilidades ao favorecer a invenção, a formulação de perguntas e a construção de sentidos próprios, reconhecendo crianças como participantes ativas da cultura.

A imaginação, entretanto, alimenta-se daquilo que o olhar é capaz de perceber. É nesse ponto que as contribuições de Shari Tishman (2024) ampliam a discussão sobre a formação de leitores. A autora compreende a observação como uma disposição intelectual que pode ser aprendida e cultivada por meio de experiências educativas. Observar implica desacelerar, permanecer diante daquilo que se vê, reconhecer detalhes, estabelecer relações, formular perguntas e revisar interpretações. Mais do que uma habilidade perceptiva, trata-se de uma prática de atenção que amplia progressivamente a compreensão do mundo.

Essa perspectiva desloca também a compreensão da mediação da leitura. Em vez de conduzir rapidamente as crianças para interpretações previamente estabelecidas, a leitura pode constituir um tempo de investigação compartilhada, no qual retornar às imagens, comparar diferentes elementos da composição e explorar percursos visuais distintos tornam-se parte da própria experiência literária. As estratégias propostas por Tishman (2024), como inventários visuais, molduras de observação, lupas e comparações entre imagens, não têm como finalidade ensinar respostas, mas favorecer disposições observacionais que ampliam a curiosidade, a atenção e a construção de sentidos.

Quando aproximadas, as contribuições de Lacerda, Rodari e Tishman permitem compreender a literatura infantil como um espaço em que patrimônio cultural, imaginação e observação se constituem mutuamente. No livro ilustrado, essa articulação torna-se particularmente evidente, pois a narrativa se realiza na circulação entre palavra, imagem e materialidade do objeto livro. É precisamente essa experiência que *João Felizardo: o rei dos negócios* oferece ao leitor e que será analisada na seção seguinte, buscando compreender como a obra transforma a observação em parte constitutiva da formação de leitores na Educação Infantil.

João Felizardo: um laboratório da observação

Como releitura de um conto da tradição oral recolhido pelos irmãos Grimm, *João Felizardo: o rei dos negócios* evidencia que a permanência das narrativas depende de sua capacidade de renovação. Ao recriar uma história que atravessou diferentes tempos, culturas e versões, Angela Lago preserva a estrutura fundamental do enredo, mas reinventa profundamente a experiência de leitura por meio da articulação entre texto verbal, imagem, projeto gráfico e materialidade do livro. Mais do que recontar uma narrativa tradicional, a autora desloca parte significativa da construção de sentidos para a linguagem visual, convidando o leitor a construir percursos próprios de observação.

Publicada originalmente pela Editora Cosac Naify, em 2007, a obra recebeu o Prêmio Jabuti de 2008 na categoria de melhor ilustração de livro infantil ou juvenil. A edição utilizada neste

estudo corresponde à publicação comemorativa lançada pela Baião Livros, em 2025, que preserva a concepção estética elaborada por Angela Lago e reafirma a permanência da obra no catálogo da literatura infantil brasileira. Sua republicação, quase duas décadas após a primeira edição, demonstra que determinadas narrativas permanecem vivas porque continuam produzindo novas leituras, novos leitores e novas formas de imaginar e observar.

A força dessa permanência não decorre apenas da narrativa herdada da tradição oral. Ela resulta, sobretudo, das escolhas estéticas que organizam a experiência do leitor. Em *João Felizardo*, as imagens não ilustram simplesmente o texto escrito. Elas distribuem a atenção por diferentes planos da composição, multiplicam pequenas narrativas paralelas, retardam a identificação de elementos importantes da história e convidam o leitor a retornar continuamente às páginas para descobrir aspectos que não haviam sido percebidos em uma primeira leitura. O percurso narrativo deixa de ser apenas cronológico para tornar-se também visual.

Essa organização aproxima-se das reflexões desenvolvidas por Shari Tishman (2024), para quem observar constitui uma forma particular de produzir conhecimento sobre o mundo e não apenas uma habilidade perceptiva espontânea. Segundo a autora, o olhar atento consiste em "reservar um tempo para observar cuidadosamente mais do que é aparente à primeira vista" (TISHMAN, 2024, p. 2). Essa definição desloca a observação do campo da percepção imediata para o da aprendizagem, compreendendo-a como uma prática intelectual que pode ser cultivada por experiências educativas capazes de ampliar a curiosidade, sustentar a atenção e favorecer a construção de interpretações cada vez mais complexas.

Sob essa perspectiva, o potencial formativo de *João Felizardo* não reside apenas na qualidade de suas ilustrações, mas na maneira como a obra mobiliza aquilo que Tishman identifica como o impulso humano de olhar por si mesmo. Em vez de indicar imediatamente o que deve ser visto, Angela Lago cria situações em que o leitor é levado a investigar a imagem, formular hipóteses, descobrir relações e construir interpretações próprias. O livro não elimina a mediação; ao contrário, cria condições para que ela se realize de forma investigativa, favorecendo a aprendizagem da observação.

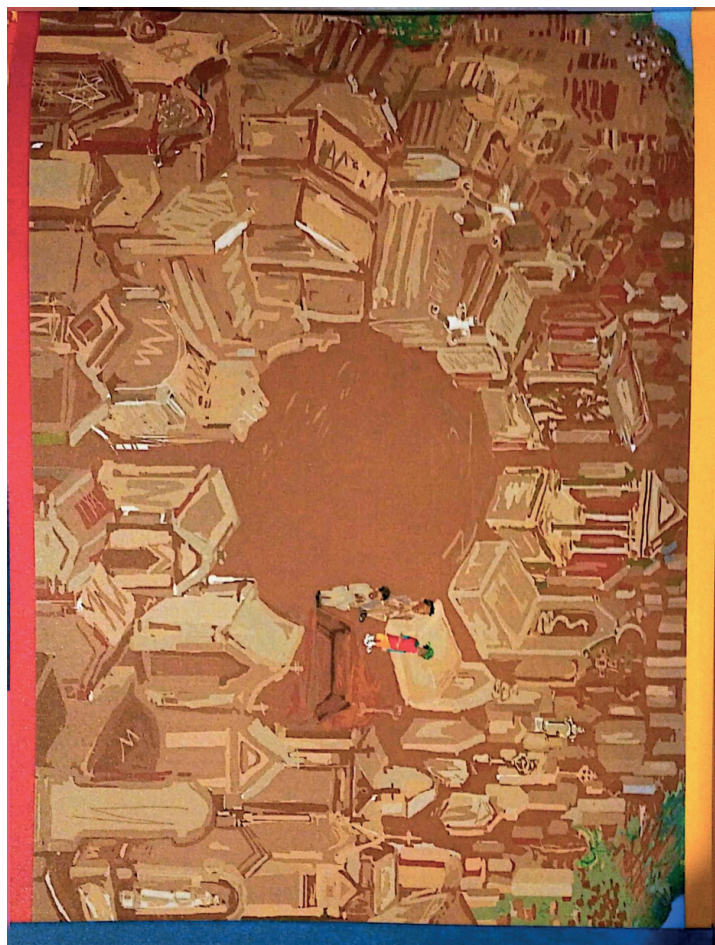
Essa distinção é particularmente importante para a Educação Infantil. O livro ilustrado, por si só, não ensina a observar. Ele oferece possibilidades de observação que podem ser ampliadas quando a leitura é organizada por práticas de mediação que valorizem o tempo, a curiosidade, a descrição, a formulação de perguntas e o retorno às imagens. Nessa perspectiva, a aprendizagem da observação depende menos da transmissão de informações do que da criação de experiências em que as crianças possam investigar as imagens, construir interpretações progressivamente e compartilhar aquilo que descobriram. Ao discutir esse processo, Tishman (2024) ressalta que "nenhuma quantidade de informações externas substituiria os insights aos quais eles chegaram" (p. 4), evidenciando que a compreensão se fortalece quando nasce da experiência direta de observar, e não da antecipação de explicações.

Ao compreender a leitura literária como uma experiência de investigação, essa perspectiva desloca o papel docente. Mais do que explicar previamente o significado das imagens, a mediação passa a consistir na criação de condições para que as crianças observem, descrevam, comparem, formulem perguntas e sustentem a atenção diante da obra. Educar o olhar, nesse sentido, não significa ensinar o que ver, mas favorecer experiências em que cada leitor possa descobrir, por si mesmo, aspectos que permanecem invisíveis em uma observação apressada. Nas seções seguintes, analisam-se três momentos da obra, procurando evidenciar como diferentes escolhas narrativas e visuais favorecem a aprendizagem da observação e oferecem referências para a formação de leitores na Educação Infantil.

A paisagem inicial: aprender a olhar antes de interpretar

A abertura de *João Felizardo: o rei dos negócios* rompe com a expectativa de uma narrativa que apresenta imediatamente seu protagonista ou conduz o leitor diretamente à ação principal. Antes mesmo que a história se desenvolva, Angela Lago oferece uma ampla paisagem composta por caminhos, árvores, construções, animais e pequenas figuras humanas distribuídas em diferentes planos da imagem. O primeiro gesto da narrativa não consiste em explicar acontecimentos, mas em convidar o leitor a permanecer diante da composição e explorá-la cuidadosamente.

Figura 1. A abertura da narrativa



Fonte: LAGO (2025).

Nessa primeira dupla página, João Felizardo não ocupa posição de destaque. Seu corpo integra a paisagem e precisa ser procurado entre os diversos elementos que estruturam a cena. Essa escolha altera profundamente a dinâmica da leitura. Antes de acompanhar o percurso do personagem, o leitor é convidado a percorrer visualmente a imagem, reconhecer detalhes, estabelecer relações entre diferentes partes da composição e construir, pouco a pouco, uma compreensão do espaço narrativo. A observação antecede a interpretação.

Essa experiência aproxima-se da compreensão de Shari Tishman (2024), para quem observar significa "reservar um tempo para observar cuidadosamente mais do que é aparente à primeira vista" (TISHMAN, 2024, p. 2). O olhar atento não corresponde apenas ao prolongamento do tempo de contemplação, mas à disposição de investigar aquilo que inicialmente permanece invisível. Em *João Felizardo*, a narrativa parece organizar exatamente essa experiência: a imagem não revela imediatamente tudo o que contém, mas recompensa o leitor que decide permanecer diante dela.

Ao contrário de muitas ilustrações produzidas para confirmar aquilo que o texto verbal já informa, Angela Lago preserva um campo aberto de descobertas. Não há setas indicando o que deve ser observado, legendas explicativas ou recursos gráficos que conduzam automaticamente o olhar. A composição favorece aquilo que Tishman (2024) identifica como o impulso de ver com os próprios olhos, reconhecendo que a aprendizagem da observação depende da curiosidade e da confiança de que vale a pena investigar antes de receber explicações prontas.

Essa escolha possui importantes implicações para a formação de leitores. Em vez de iniciar a leitura perguntando "o que está acontecendo?", a mediação pode favorecer perguntas que prolonguem a observação: O que você percebe? O que chama sua atenção? O que ainda não havíamos visto? Essas perguntas deslocam o foco da resposta correta para a investigação compartilhada, permitindo que cada criança construa seu próprio percurso de leitura.

Tishman (2024) observa que um dos maiores obstáculos à observação consiste na rapidez

com que atribuímos significados às imagens. Quando acreditamos compreender imediatamente aquilo que vemos, deixamos de perceber aspectos que permanecem ocultos. Por isso, a autora propõe que a descrição anteceda a interpretação. Antes de perguntar por que algo acontece, é necessário perguntar o que efetivamente está presente diante dos olhos. Essa distinção mostra-se particularmente fecunda na leitura de *João Felizardo*. A paisagem inicial convida o leitor a descrever caminhos, árvores, construções, personagens e pequenos acontecimentos antes mesmo de formular hipóteses sobre a narrativa.

À medida que a observação se prolonga, a composição revela uma quantidade crescente de relações. Caminhos conectam diferentes espaços, personagens realizam pequenas ações, árvores organizam ritmos visuais e detalhes inicialmente despercebidos passam a integrar a compreensão da cena. A imagem parece confirmar uma das afirmações centrais de Tishman (2024): "quanto mais olhamos, mais vemos; quanto mais vemos, mais engajados ficamos" (TISHMAN, 2024, p. 4). A experiência da leitura deixa de depender da rapidez com que identificamos o protagonista e passa a apoiar-se na riqueza das descobertas produzidas pelo próprio olhar.

Mais do que identificar detalhes isolados, o leitor passa a construir conexões entre diferentes elementos da composição. Essa busca por relações constitui uma das disposições observacionais descritas por Tishman (2024). Observar não significa acumular informações, mas reconhecer padrões, estabelecer vínculos e perceber como diferentes aspectos da imagem passam a fazer sentido quando considerados em conjunto. A compreensão nasce da relação entre os elementos e não apenas de sua identificação individual.

Nesse processo, diferentes estratégias de mediação podem ampliar significativamente a experiência de leitura. O inventário visual, sugerido por Tishman (2024), convida as crianças a nomearem tudo aquilo que conseguem observar antes de interpretar a narrativa. Em vez de procurar imediatamente o significado da imagem, a atividade valoriza a descrição cuidadosa dos elementos presentes na composição, evidenciando que diferentes leitores percebem aspectos distintos da mesma cena.

Outra possibilidade consiste no uso de molduras de observação, confeccionadas em papel ou formadas com os próprios dedos. Ao delimitar pequenos fragmentos da imagem, esse recurso permite que crianças concentrem sua atenção em detalhes específicos antes de retornar ao conjunto da composição. A alternância entre aproximação e visão panorâmica favorece novas descobertas e evidencia que diferentes percursos observacionais produzem interpretações igualmente legítimas.

Também o uso de lupas pode enriquecer a leitura, sobretudo diante da riqueza gráfica construída por Angela Lago. Pequenos personagens, objetos discretos e acontecimentos secundários tornam-se mais facilmente perceptíveis, despertando o prazer da descoberta e fortalecendo a curiosidade investigativa. O objetivo dessas estratégias não consiste em encontrar respostas previamente definidas, mas em cultivar a curiosidade e ampliar aquilo que cada criança é capaz de perceber.

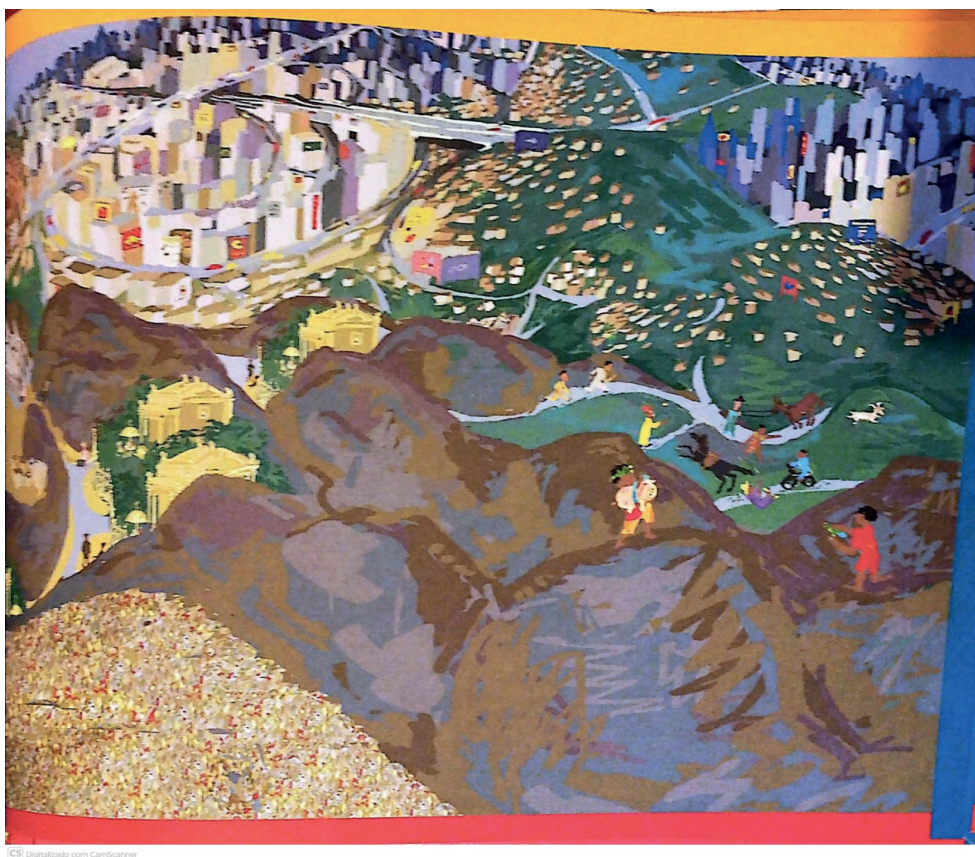
Ao compartilhar aquilo que descobriram, justificar por que determinado detalhe chamou sua atenção ou explicar como chegaram às suas interpretações, as crianças tornam visível o próprio processo de pensamento. Mais do que verificar respostas corretas, a conversa passa a revelar diferentes modos de observar, favorecendo aquilo que Tishman (2024) denomina uma cultura do pensamento, na qual observar, perguntar, comparar e justificar interpretações tornam-se práticas permanentes da experiência de leitura.

Sob essa perspectiva, a primeira dupla página de *João Felizardo* realiza muito mais do que introduzir uma narrativa. Ela cria condições para que a observação se torne objeto de aprendizagem. Angela Lago não ensina o leitor a olhar; ela constrói uma obra que desperta o desejo de ver por si mesmo. Quando essa experiência é acompanhada por uma mediação que preserva a curiosidade, prolonga o tempo da observação e valoriza a construção compartilhada de sentidos, o livro ilustrado transforma-se em um espaço privilegiado para a educação do olhar e para a formação de leitores na Educação Infantil.

Narrativas paralelas e atenção distribuída

À medida que João Felizardo inicia seu percurso, a composição visual torna-se progressivamente mais complexa. Embora o texto verbal acompanhe as sucessivas trocas realizadas pelo protagonista, as ilustrações expandem continuamente a narrativa. Crianças brincam, animais atravessam caminhos, cavaleiros percorrem a paisagem, personagens conversam entre si, pequenas cenas cotidianas acontecem simultaneamente e inúmeros detalhes distribuem-se pelos diferentes planos da composição. A leitura deixa de acompanhar apenas João Felizardo para tornar-se uma exploração de acontecimentos que coexistem na mesma página.

Figura 2. Narrativas paralelas na composição visual



Fonte: LAGO (2025).

Essa organização visual modifica profundamente o modo como a narrativa é construída. João Felizardo permanece presente, mas deixa de monopolizar a atenção do leitor. A cada retorno à imagem, novos personagens parecem assumir temporariamente o protagonismo, revelando histórias que o texto verbal não menciona. A composição convida o olhar a deslocar-se continuamente entre diferentes pontos da página, permitindo que cada leitor organize percursos próprios de observação.

A riqueza da composição não se revela em uma única observação. Pelo contrário, cada retorno à imagem amplia aquilo que o leitor é capaz de perceber. Personagens anteriormente despercebidos passam a integrar a narrativa; pequenos acontecimentos tornam-se significativos; relações entre diferentes elementos começam a emergir. A observação transforma-se em uma prática de descoberta contínua.

Angela Lago parece resistir à lógica das imagens que conduzem rapidamente o olhar. Em vez de orientar o leitor para um único centro de interesse, distribui pequenos acontecimentos por toda a composição e preserva zonas de incerteza que exigem tempo, curiosidade e investigação. Ler essa página significa decidir continuamente onde olhar, o que acompanhar e quando retornar

a um detalhe que havia passado despercebido. A narrativa visual não apenas representa uma paisagem; ela produz uma determinada maneira de observá-la. Nessa experiência, aproxima-se daquilo que Tishman (2024) compreende como aprendizagem da observação: um processo em que a compreensão não resulta da antecipação de respostas, mas da disposição de permanecer diante daquilo que ainda não foi completamente visto. Observar implica construir conexões capazes de ampliar progressivamente aquilo que compreendemos.

Esse movimento evidencia uma importante característica do livro ilustrado: a narrativa não se encerra no texto verbal. Parte significativa da história acontece nas imagens, exigindo que o leitor construa sentidos a partir daquilo que observa. A leitura torna-se, assim, uma atividade investigativa. Não basta acompanhar o percurso de João Felizardo; é necessário explorar aquilo que acontece ao redor dele, reconhecer acontecimentos paralelos e aceitar que diferentes leitores construirão interpretações distintas da mesma composição.

Essa característica oferece inúmeras possibilidades para a mediação da leitura na Educação Infantil. Inspiradas nas propostas de Tishman (2024), algumas práticas podem favorecer uma observação mais cuidadosa e investigativa. Uma delas consiste em propor um inventário coletivo da imagem, convidando as crianças a registrar tudo aquilo que conseguem identificar antes de interpretar a narrativa. Em vez de perguntar imediatamente "o que está acontecendo?", a mediação pode iniciar perguntando: "O que vocês conseguem ver?" ou "O que mais aparece nesta página?". Ao deslocar a atenção da interpretação para a descrição, amplia-se a riqueza das observações produzidas pelo grupo.

Outra possibilidade consiste em convidar cada criança a acompanhar apenas um personagem secundário ao longo da imagem. Enquanto uma observa o percurso de um cavaleiro, outra acompanha um animal, outra investiga uma criança brincando ou um personagem quase invisível na composição. Ao compartilharem posteriormente aquilo que descobriram, torna-se evidente que uma mesma página abriga múltiplas narrativas simultâneas. Essa estratégia valoriza o princípio defendido por Tishman (2024) de que diferentes observadores constroem compreensões distintas porque dirigem sua atenção para aspectos diferentes de uma mesma realidade.

O uso de lupas também pode ampliar significativamente essa experiência. Diante da riqueza gráfica construída por Angela Lago, pequenos personagens, objetos discretos e detalhes da paisagem tornam-se mais facilmente perceptíveis quando observados em aproximação. Mais do que ampliar visualmente a imagem, a lupa convida as crianças a desacelerarem o olhar, favorecendo aquilo que Tishman compreende como uma observação deliberada e curiosa. Da mesma forma, o uso de molduras de observação, confeccionadas em papel ou com os próprios dedos, permite isolar pequenos fragmentos da composição antes de retornar ao conjunto, revelando que o todo se constrói pela articulação entre diferentes partes.

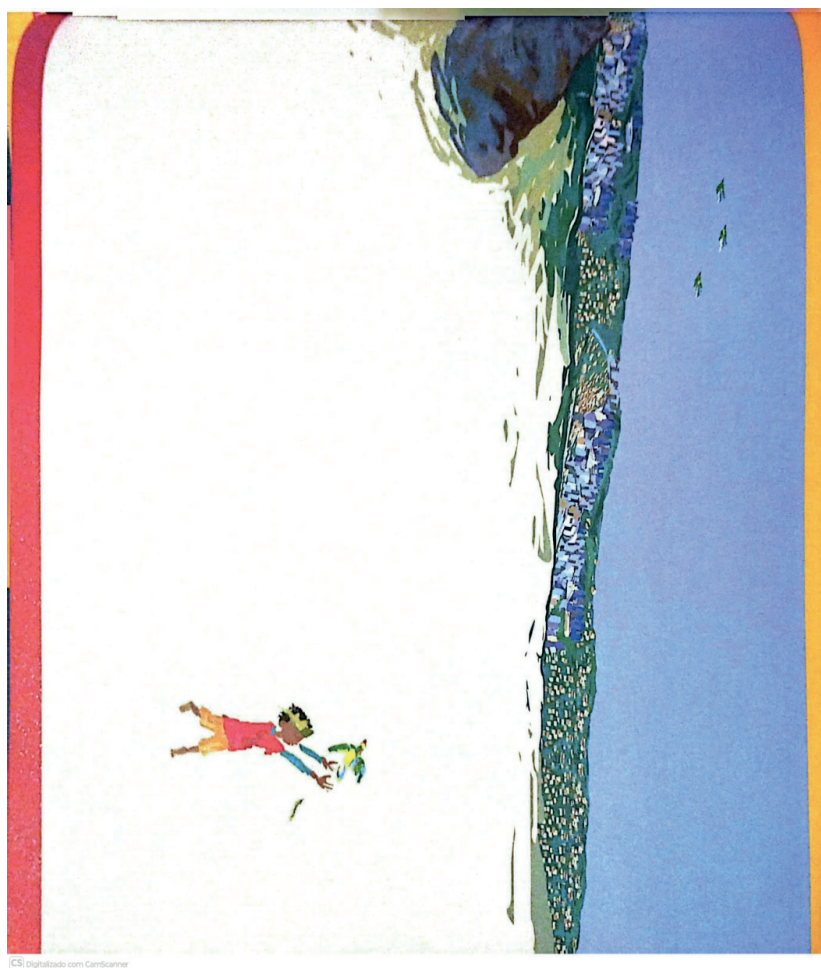
Durante essas atividades, a função da mediação não consiste em confirmar interpretações corretas, mas em favorecer uma cultura de investigação compartilhada. Perguntas como "O que fez você perceber esse detalhe?", "Onde você encontrou esse personagem?" ou "Há algo que outra pessoa observou e você ainda não tinha visto?" tornam visível o percurso realizado pelo pensamento. Como afirma Tishman (2024), explicar como observamos é tão importante quanto dizer o que observamos, pois a aprendizagem da observação envolve também a consciência dos próprios processos de pensamento.

Ao multiplicar acontecimentos, distribuir a atenção entre diferentes planos da composição e preservar espaços para a descoberta, Angela Lago transforma cada dupla página em um convite permanente à investigação. O leitor percebe que nenhuma observação esgota completamente a imagem e que toda nova leitura amplia aquilo que pode ser visto. Mais do que ilustrar uma história, *João Felizardo* constrói um repertório de experiências capazes de educar a atenção, cultivar a curiosidade e fortalecer a disposição para ver por si mesmo. Quando essa experiência é acompanhada por uma mediação que valoriza a descrição, a investigação e a construção compartilhada de interpretações, o livro ilustrado torna-se um potente espaço de formação de leitores que aprendem a observar antes de concluir.

Um imenso segundo: permanência, imaginação e aprendizagem da observação

Ao final da narrativa, João Felizardo chega ao momento que dá sentido a toda a história. Depois de sucessivas trocas realizadas ao longo do caminho, o protagonista interrompe seu percurso e permanece diante da paisagem. Nesse instante, a narrativa desacelera. A ação perde protagonismo e cede lugar à contemplação. O "imenso segundo", que dá nome ao momento decisivo da história, não representa apenas um desfecho narrativo; constitui uma experiência de permanência diante do mundo.

Figura 3 . O "imenso segundo"



Fonte: LAGO (2025).

A composição visual acompanha essa mudança de ritmo. Os numerosos acontecimentos distribuídos pelas páginas anteriores cedem espaço a uma paisagem mais aberta, marcada pelo horizonte e pela ampliação do espaço vazio. O olhar já não precisa acompanhar deslocamentos sucessivos ou descobrir novos acontecimentos. O leitor é convidado a permanecer, permitindo que a observação aconteça sem a urgência da narrativa.

Essa mudança aproxima-se das reflexões de Shari Tishman (2024) sobre a importância da atenção deliberada. Para a autora, observar não significa apenas olhar demoradamente, mas decidir conscientemente permanecer diante de um objeto para perceber aspectos que normalmente escapam a uma observação apressada. A aprendizagem da observação exige tempo, disponibilidade e abertura para que novas relações possam surgir durante o próprio ato de olhar. O "imenso segundo" parece materializar essa experiência: um instante aparentemente breve transforma-se em um tempo expandido, capaz de produzir novas compreensões.

Ao longo de todo o percurso, Angela Lago evita oferecer interpretações conclusivas. Também nesse momento final, a imagem permanece aberta. O horizonte não encerra a narrativa; amplia suas possibilidades de leitura. O leitor é convidado a imaginar aquilo que permanece além daquilo que é mostrado, compreendendo que a observação não termina quando identificamos todos os elementos da imagem, mas continua sempre que retornamos a ela.

Essa abertura dialoga diretamente com outra ideia recorrente em Tishman (2024): olhar novamente significa olhar com novos olhos. A autora observa que cada retorno ao objeto observado produz novas descobertas porque o observador já não é o mesmo. A experiência acumulada ao longo da leitura modifica aquilo que passa a ser percebido. Em *João Felizardo*, o retorno às páginas iniciais após a leitura do desfecho produz exatamente esse efeito. A paisagem observada no início deixa de ser apenas o cenário da narrativa e passa a carregar os sentidos construídos durante todo o percurso do personagem.

Mais do que oferecer respostas, Angela Lago preserva o prazer da descoberta. A narrativa visual não conduz o leitor a uma interpretação única, mas favorece aquilo que Tishman (2024, p. 82) identifica como o impulso de ver com os próprios olhos, considerado como “irreprimível e onipresente”. Mesmo após o término da história, é possível continuar estimulando o desejo de voltar às imagens, investigar detalhes antes despercebidos e reconstruir continuamente a experiência de leitura. O livro parece afirmar que observar não constitui uma etapa anterior à compreensão, mas parte permanente do próprio ato de ler.

Essa característica possui importantes implicações para a mediação da leitura na Educação Infantil. Em vez de compreender o encerramento da história como momento de confirmação das interpretações realizadas, a leitura pode transformar-se em oportunidade para novos percursos investigativos. Retornar às primeiras páginas, comparar diferentes momentos da narrativa, identificar elementos que permaneceram constantes ou perguntar “o que você percebe agora que não havia percebido antes?” favorece aquilo que Tishman (2024) considera um dos aspectos centrais da aprendizagem da observação: a revisão contínua das próprias interpretações.

Nesse contexto, algumas estratégias de mediação podem ampliar significativamente essa experiência. Uma delas consiste em convidar as crianças a revisitar as páginas iniciais após a leitura completa da obra, registrando aquilo que mudou em seu modo de observar. Outra possibilidade é propor comparações entre diferentes momentos da narrativa, estimulando a identificação de transformações na paisagem, nos personagens e nos percursos construídos ao longo da história. Também podem ser produzidos desenhos ou registros escritos que representem aquilo que cada criança passou a perceber somente depois de retornar às imagens. Mais do que avaliar a compreensão da narrativa, essas propostas tornam visível o percurso de aprendizagem construído durante a leitura.

Ao compartilhar essas descobertas, as crianças explicitam não apenas aquilo que observaram, mas também como seu olhar se transformou. Como argumenta Tishman (2024), tornar o pensamento visível significa criar oportunidades para que os sujeitos reflitam sobre seus próprios processos de observação. Nesse sentido, a conversa coletiva deixa de buscar respostas corretas e passa a valorizar diferentes percursos de investigação, reconhecendo que a aprendizagem acontece justamente quando novas observações desafiam interpretações anteriormente construídas.

Sob essa perspectiva, o “imenso segundo” deixa de representar apenas a felicidade encontrada pelo protagonista. Ele simboliza o tempo necessário para que o olhar aprenda a permanecer. Em uma cultura marcada pela rapidez das imagens e pela sucessão contínua de estímulos, Angela Lago propõe outra temporalidade: a do retorno, da atenção e da descoberta progressiva. Sua narrativa sugere que ver exige tempo e que compreender depende da disposição para observar repetidas vezes aquilo que parecia já conhecido.

É justamente nesse ponto que a literatura infantil aproxima-se da aprendizagem da observação proposta por Shari Tishman (2024). Assim como a autora defende que aprender a observar significa cultivar disposições intelectuais capazes de ampliar a curiosidade, sustentar a atenção e confiar no próprio olhar, *João Felizardo* demonstra que a leitura literária pode constituir uma experiência privilegiada para esse aprendizado. Quando acompanhada por uma mediação que organiza tempos de permanência, incentiva perguntas abertas e favorece o retorno às imagens, a

obra transforma-se em um espaço de educação do olhar, no qual observar deixa de ser apenas uma habilidade perceptiva para tornar-se uma forma de pensar, imaginar e produzir sentidos.

Considerações finais

Este artigo partiu da compreensão de que a literatura infantil pode constituir uma experiência formativa capaz de ampliar as relações das crianças com a linguagem, a imaginação e a cultura escrita desde os primeiros anos de vida. A partir da análise de *João Felizardo: o rei dos negócios*, de Angela Lago, buscou compreender como a articulação entre palavra, imagem e materialidade do livro ilustrado produz experiências de observação que contribuem para a formação de leitores na Educação Infantil.

A análise evidenciou que a obra ultrapassa a função de ilustrar uma narrativa verbal. Como releitura de um conto da tradição oral recolhido pelos irmãos Grimm, Angela Lago recria a história por meio de uma sofisticada linguagem visual, na qual texto, imagens, composição gráfica e projeto editorial participam conjuntamente da construção de sentidos.

O diálogo estabelecido com Gianni Rodari, Nilma Gonçalves Lacerda e Shari Tishman permitiu compreender essa experiência sob perspectivas complementares. Rodari evidencia a imaginação como prática criadora construída a partir da experiência; Lacerda reconhece a literatura como patrimônio cultural continuamente recriado pelos encontros entre obras e leitores; e Tishman demonstra que a observação pode ser aprendida quando experiências educativas cultivam a curiosidade, a atenção, a disposição para olhar com os próprios olhos e a abertura para revisar as primeiras impressões. Reunidos, esses referenciais permitem compreender o livro ilustrado como um espaço em que imaginação, observação e formação de leitores se articulam de maneira indissociável.

Ao longo da análise, tornou-se evidente que a aprendizagem da observação não decorre automaticamente da presença das imagens. O livro ilustrado oferece possibilidades de investigação que se realizam plenamente quando a leitura é acompanhada por práticas de mediação que organizem tempos de permanência diante da obra, favoreçam perguntas abertas, valorizem a descrição antes da interpretação e acolham diferentes percursos de leitura. Mais do que conduzir rapidamente as crianças a respostas previamente estabelecidas, a mediação cria condições para que observar, comparar, formular perguntas e compartilhar descobertas passem a integrar a própria experiência literária.

Nessa perspectiva, a principal contribuição de *João Felizardo: o rei dos negócios* não reside apenas na qualidade estética de sua narrativa, mas na forma como transforma a leitura em uma experiência de investigação. A obra demonstra que a formação de leitores não depende exclusivamente do domínio da linguagem escrita, mas também da construção de práticas que educam a atenção, ampliam a imaginação e fortalecem a confiança no próprio olhar. Ao favorecer encontros demorados com as imagens, Angela Lago evidencia que ler também significa aprender a perceber aquilo que permanece invisível em uma observação apressada.

Essa compreensão amplia igualmente o papel da formação docente na Educação Infantil. Educar o olhar não significa antecipar interpretações ou explicar aquilo que as imagens representam, mas criar condições para que as crianças observem, descrevam, formulem hipóteses, revisitem suas interpretações e construam sentidos a partir da própria experiência de leitura. Nesse processo, o livro ilustrado deixa de constituir apenas um recurso didático e afirma-se como um objeto cultural capaz de formar modos de ver, pensar e imaginar.

As reflexões desenvolvidas neste estudo dialogam com os debates contemporâneos sobre a formação docente na Educação Infantil ao evidenciar que a inserção das crianças na cultura escrita se constrói por meio de experiências significativas com a literatura, e não pela antecipação dos processos formais de alfabetização. Nessa perspectiva, a aprendizagem da observação amplia o repertório de práticas pedagógicas voltadas à formação de leitores, reafirmando a leitura literária como um direito cultural das crianças e como dimensão constitutiva da educação na primeira infância.

Talvez seja essa a principal contribuição de *João Felizardo: o rei dos negócios*. Ao concluir a

narrativa com a expressão "um imenso segundo", Angela Lago sintetiza uma concepção de leitura que resiste à aceleração do tempo e reivindica o valor da permanência diante das imagens. Em uma cultura marcada pela rapidez das informações e pela sucessão contínua de estímulos visuais, o livro reafirma a importância de desacelerar, observar, retornar às páginas e descobrir novos sentidos a cada leitura. Se, como propõe Shari Tishman (2024), aprender a observar significa dedicar tempo para ver mais do que aquilo que se apresenta à primeira vista, Angela Lago transforma essa ideia em experiência literária. O segundo torna-se imenso porque a literatura amplia nossa capacidade de ver, imaginar e compreender o mundo. Talvez a formação de leitores comece justamente aí: na possibilidade de criar, desde a Educação Infantil, experiências de leitura que ensinem a olhar com atenção.

Referências

LACERDA, Nilma Gonçalves. **Ler literatura, reconhecer o patrimônio:** reflexões para a formação docente. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 61-74, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/825>. Acesso em: 14 jul. 2026.

LAGO, Angela. **João Felizardo:** o rei dos negócios. 1. ed. São Paulo: Baião, 2025.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia:** uma introdução à arte de inventar histórias. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

TISHMAN, Shari. **Olhar atento:** como incentivar os alunos a aprender por meio da observação. Porto Alegre: Penso, 2024.

Recebido em 20 maio 2026

Aceito em 10 julho 2026